

# A C R I S E E U R O P E I A

por ABEL SALAZAR

## O Período Europeístico

Uma grande parte dos fenómenos da Crise actual são o prelúdio de uma nova civilização, de um novo Complexo Histórico.

No estudo de um complexo histórico temos de considerar uma estática e uma cinemática, e uma série complexa de elementos e forças que pelo seu conflito, equilíbrio e desequilíbrio, fluxos e refluxos, constituem a engrenagem mecânica desse complexo.

Assim, quanto à orgânica, temos a considerar as formas monárquica, oligárquica, democrática, federativa, clans, tribus, totemismo, cité, Estado, Nação, Confederação, etc., etc., que são formas orgânicas de unificação e coordenação.

Como elementos cinemáticos temos a considerar os fenómenos de diferenciação e desdiferenciação, os fluxos e refluxos, acções e reacções dos elementos, a formação de élites, a extensão das massas, a sua pressão e diferenciação, aumento numérico, incorporação de elementos estranhos; os fenómenos de expansão, colonização, conquista, imperialismo, desagregação e decomposição. Temos ainda de considerar a pressão sobre o ambiente e a pressão exercida pelo ambiente bem como a interferência de elementos; o equilíbrio de forças; a pressão dos Símbolos historicamente definidos, a aniquilação dos Símbolos e das orgânicas, o conflito das forças da vida com os Símbolos, o conflito de classes, etc.

A isto juntam-se os movimentos ideológicos e místicos, e os seus fluxos, refluxos, cristalização, renovação, dissolução; e ainda toda uma série de movimentos políticos, sociais, raciais, intelectuais, não falando dos económicos, que são capitais.

Este sistema complicado de forças em conflito gera movimentos que se não desenvolvem isoladamente, mas se influenciam mutuamente, em acção e reacção constante, em fluxo e refluxo. Além disso, tais movimentos não seguem em geral em linha recta, mas ora em zig-zag ora em linhas sinuosas, sinuosidades que por seu turno interferem entre si.

O complexo histórico, considerado como um todo, reage por seu turno com o meio histórico e recebe d'ele a pressão de forças, por forma a articular-se no complexo mecanoide da história em geral.

Por exemplo, comparando a orgânica e a cinemática de um Império como o Romano, com Impérios como o de Khagan, Khan (Gengiskan, Tamerlan) (ver Lot, *La Fin du Monde Antique et le Début du Moyen Age*, «L'Evolution de l'Humanité», pags. 223, 224, 225) poderemos estudar aí a orgânica frouxa, a coesão momentânea, a estrutura difusa de limites confusos, espécie de plasmodium indiferenciado que contrasta com a orgânica de um Império como o Romano.

E seguindo a evolução que vai dos Clans ao Império, em particular no que se refere ao Império Faraónico (ver Mort e Dany—*Des Clans aux Empires*, Idem), teremos uma base para seguir os processos mecanoide e os elementos acima referidos.

Como se compreende, o tratamento d'este problema em toda a sua amplitude excederia volumes, uma massa de documentos e referências bibliográficas consideráveis.

Não podemos sequer pensar em tal, e temos de limitar-nos a apresentar ao leitor, focando-as em particular, algumas conclusões que nos parecem poder interessá-lo mais.

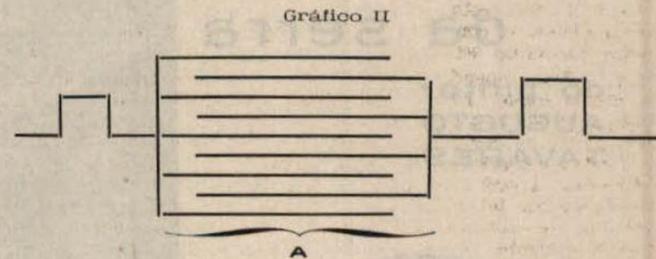
Tinhamos chegado, com efeito, à conclusão fundamental, que a Europa, considerada como complexo histórico, se encontra numa fase pro-europeística, isto é, no fim do seu auge, ou nos prelúdios da sua decadência.

Para compreendermos bem estes factos convém dizer

que o estudo comparado dos complexos históricos nos mostra que estes complexos não terminam bruscamente, num momento definido; mas sim que se desagregam, se diluem, se decompõem por tal forma que muito precocemente, ao começar a sua decomposição, se vão formando novos elementos dum futuro complexo, e que por seu turno os elementos da sua desagregação e decomposição vão contribuir para a formação desse novo complexo. Assim um complexo histórico em decadência justapõe-se ao complexo em formação, por tal forma que o seu período de decadência coexiste no tempo com o período inicial do novo complexo, o que pode ser comparado à forma de justaposição das telhas de um telhado: fenómeno representado no gráfico aqui junto.



Estudando as coisas mais de perto verifica-se que se não trata propriamente de uma justaposição ou simples coincidência no tempo, mas de um fenómeno complexo de interpenetração que pode ser figurado como no gráfico seguinte:



Este fenómeno é geral. Encontram-se na transição do Complexo Egeico para o Complexo Grego, na transição do Complexo Etrusco para o Romano, do Grego para o Romano, etc.

Como exemplo particularmente sugestivo, e que nos interessa por uma forma especial, temos a passagem do Complexo Romano ao Complexo Europeu, aquillo precisamente que os historiadores chamam o Fim do Mundo Antigo e o Comêço da Idade Média (ver Lot, *La Fin du Monde Antique et le Début du Moyen Age*, «La Renaissance du livre»).

Na decadência do Império Romano encontramos o prelúdio da Idade Média, isto é, da constituição do Complexo Europeu. Estes prelúdios começam mesmo muito cedo, no Século 3.º; e, por outro lado, os resíduos do Complexo persistem até muito tarde, sendo manifestos ainda e definíveis quando estava de há muito constituido o Complexo Europeu.

Representando um gráfico para fixar ideas, teremos o seguinte esquema:



dois

sol nascente

Este fenómeno é geral; abrange os elementos económicos, políticos, sociais, intelectuais e morais. Assim, como diz Lot (loc. cit., 962) «que o mundo romano sofreu uma perturbação económica das mais graves, a partir do Século [+ 3.º], e mesmo da segunda metade do Século [+ 2.º], é um facto averiguado. E é não menos certo que este facto acarretou consequências políticas e sociais de primeira ordem. Podem-se formular assim: o Império a partir do Século [+ 3.º] é uma preparação para a Idade Média».

A regressão económica, aos fenómenos políticos e sociais, juntam-se os fenómenos intelectuais e morais:

«O Império Romano quasi lá perecendo na grande crise que se estende de + 235 a + 268. Por fim os Bárbaros foram repellidos pelos imperadores Múrios Cláudio II, Aureliano, Proctus e a unidade política foi reconstituída. No entanto a situação fica precária. As transformações necessárias são operadas por duas personalidades de primeira ordem, Diocleciano, Constantino. Tem-se querido ver nêles dois idealistas quiméricos, sonhadores. O erro é surpreendente: são apenas espiritos práticos, o primeiro sobretudo. Começam por fazer a parte do jógo. E' visível que um só homem não pode já governar do Eufrates ao Oceano, do Saará à Caledónia, dois mundos incapazes de se fundir, o mundo helénico e o mundo latino. Para prevenir qualquer revolta de competidor, Diocleciano escolhe-o e tenta fazer dele um colega e um amigo. A unidade, pelo menos ideal, é assim mantida no Império. Constantino torna definitiva a separação dos dois mundos, transformando Bisâncio engrandecida numa nova Roma (330). Graças à sua situação, esta poderá ser salva da invasão; sem esta idea genial, a civilização helénica teria desaparecido e, como no que diz respeito à Caldéia, não nos seria conhecido senão por informes resíduos.

«Uma doença religiosa minava a sociedade romana: o cristianismo. Diocleciano ficava preso ao velho conceito que a vicércia podia aniquillar a seita. Constantino, num transporte de deréncia aparente ou real, vê nisso uma força a utilizar em serviço do Estado Romano. No Oriente a Igreja Ortodoxa, a cultura helénica, o Estado, conseguiram assim fundir-se por tal forma que entrar no selo da Igreja será o mesmo que tornar-se «Romano» de biveque grega, pelo menos durante alguns séculos. Captado o cristianismo os imperadores põem em tensão todas as molas da máquina fiscal. Para lutar contra os Bárbaros, para os comorar igualmente, para manter de pé o edificio grandioso do Império, são precisos recursos consideráveis.

«Mas o mundo romano sofreu uma grave perturbação no momento em que as necessidades do Estado são mais urgentes do que nunca. Um fisco implacável acaba por instituir um verdadeiro regime de castas. O camponês está de oravante fixo ao solo; e não é a causa única dos servos da plebe cujas origens meregulham num passado longínquo, mas a extensão d'este regime a trabalhadores livres é uma das características do Baixo Império. Obrigado a filiar-se num collegium, o artista está ligado ao seu officio, o negociante à sua profissão. Que dizer dos trabalhadores de minas e das manufactoras imperiais marcados com ferro em brasa? Não podem mesmo fugir; a sua condição é hereditária. As classes médias não são menos administradas. As curiais formam um consortium responsável pelo imposto e o cultivo das terras; estão fechadas todas as portas por onde pudessem escapar-se da curia. O resultado foi o seguinte: o poder quebrou toda a resistência, mas igualmente toda a independência; acabou de transformar a população em rebanhos de «raias», à maneira turca.

«A-pesar-de tudo o Estado fracassou por completo no seu papel de protector. E' traído pelos seus próprios agentes. Estes, os altos funcionários, ou melhor, os magistrados, os juizes, pertencem à classe dos grandes proprietários da terra. Partilham desta classe as ideas, os hábitos, os interesses. Esta aristocracia serve mal o governo, embora tremam diante d'ele. Resiste-lhe em surdina, menos por ódio ou por espirito de opposição do que por egoísmo. Afastada do exército, confinada em funções honoríficas, suspelta e vigiada, a classe

dirigente perde toda a espontaneidade, toda a iniciativa, e, nela igualmente, o carácter baixa fortemente.

«A causa fundamental da decadência, depois da decomposição do Império Romano, parece-me ser a seguinte. O Império tinha-se tornado uma máquina demasiado vasta, demasiado sapiente, demasiado complicada; o mundo mediterrâneo em estado de regressão económica desde o Século + 3.º, não podia sustentar-lhe o péso. Cindê-se em dois, para Orientis para Occidentis, desde o fim desse século. Para próprio exercicio do seu poder o Estado vê-se obrigado a diminuir o seu campo de acção. Esta mesma necessidade vai obrigar bem de-pressa o Occidente a fragmentar-se em Estados semi-romanos, semi-bárbaros. Estes, por seu turno, subdividem-se, e a pulverização territorial vai crescendo sem cessar durante longos séculos, até ao século XII. Esta diminuição do campo da acção política acompanha-se de retracção do espirito público, que irá até ao aniquilamento da idea de interesse geral, até à desaparição da noção de Estado na época bárbara.

«Assim, sob uma aparência ainda magestosa, o Império Romano, no fim do século IV, não era mais do que uma casca vazia. Era incapaz de resistir a um grande abalo e bem de-pressa vai sofrer um novo e terrível assalto da Barbarie. O oriente salvar-se-á melhor ou pior. O occidente vai ser feito em pedaços.

«Há uma coisa mais profunda, mais estável do que as formas políticas, sempre efémeras, é o que se chama civilização. Nas suas regiões mais altas, letras, artes, filosofia, religião, as transformações não são menos impressionantes do que no domínio político. As velhas e ingénuas divindades naturistas, helénicas e latinas, cedem o lugar às «superstições» orientais, judaísmo, mitraclismo, maniqueísmo, cristianismo, etc., vindas do Egipto, Sírria, da Pérsia. Estes estranhos revolucionaram a ética, transformam a psicologia do mundo antigo. Sua arte e sua literatura sofrem o contra-golpe destas grandes mudanças. O culto esterilizante dos grandes modelos, certos defeitos inerentes ao espirito clássico, tornam impossível um renascimento da estética. O triunfo do cristianismo, depois o de Islam, destacam as almas das antigas formas de beleza. Antes mesmo de ser conhecida pela religião, a mástica sucumbe, vítima de uma revolução oriunda do Oriente: a linha é sacrificada à cor, a nobreza de estilo à fertesia, à culvra. As letras antigas são condenadas pela Igreja. Intersantemente pagãs, cessam de ser compreendidas e amadas. Infelizmente a dupla literatura cristã, grega e latina que precisa substituí-las, julga conseguiu moldando-se na mesma forma. Mas a pensamentos e sentimentos novos é precisa uma forma nova. A ciência e a filosofia sucumbem sob a escuridão da mástica oriental que onde uma verdadeira transmutação de valores. A transformação não é menos prodíptica do que se um dormente desperto visse brilhar bettos astros por cima da sua cabeça.»

Se aprofundarmos estes fenómenos iremos encontrar, mesmo em detalhe, os prelúdios da Idade Média em todo o Complexo Romano em decomposição: é o que o leitor poderá verificar no trabalho citado de Lot, ou Leon Homo, «Les Institutions politiques Romaines: de la Cité à l'Etat» (Renaissance du livre) «L'Evolution de l'Humanité». Aí poderá ver o leitor, gradualmente, formar-se e deformar-se o Cavaleiro Medieval, o Castelo e o Burgo, o feudalismo e toda a engrenagem da Idade Média.

Ao mesmo tempo, como dissemos, o Império Romano produzia a existência dos seus resíduos definidos até às proximidades do século 800:—e depois os elementos de decomposição mal definidos acompanham ainda a evolução do Complexo Europeu, a tal ponto que certos historiadores os continuam até às proximidades da Grande Guerra.

Podemos pois extrair destes factos em relação à Crise Europeia uma primeira conclusão importante, a saber:—na Crise actual da Europa uma grande parte dos fenómenos são o prelúdio de uma civilização futura, de um novo Complexo histórico.

Quais são estes fenómenos? E' o que veremos depois; por agora limitemo-nos a definir claramente alguns dados fundamentais.

três